



## *CACIQUE*

### Brigue

**Incorporação:** Nada consta.

**Baixa:** 16 de junho de 1822.

Este navio de madeira era o Brigue de Guerra português chamado *Reino Unido* e incorporado a Esquadra brasileira na época da Independência.

Sua artilharia constava de 18 peças. A 3 de dezembro de 1818, nele embarcou o Guarda-Marinha Rodrigo Theodoro de Freitas, que chegou a Oficial General da Armada brasileira. A 23 de janeiro de 1819, era seu comandante o Capitão-Tenente Teodoro Alexandre de Beaurepaire.

Zarpou do Rio de Janeiro a 4 de fevereiro de 1819, sob o comando do Capitão de Fragata Diogo Jorge de Brito, e regressou a 25 de março. Fez-se de vela a 9 de abril e estava de volta a 30 de maio. Partiu a 25 de julho. De regresso, tornou a fazer-se ao mar, a 10 de outubro. Em novembro de 1819, chegou a Recife, sob o comando do Capitão de Fragata João Batista Lourenço da Silva, que desembarcou por doença. O Imediato assumiu o comando. Em 28 de novembro do mesmo ano, Beaurepaire assumiu de novo seu comando. Regressou ao Rio a 17 de novembro de 1820. Saiu na Esquadra que levou D. João VI e a família real de volta para Portugal em 26 de abril de 1821.

Entrou na Guanabara, vindo de Lisboa, a 26 de março de 1822, sob o comando do Capitão-Tenente Luiz Antônio de Almeida Macedo. Zarpou a 23 de abril e regressou a 27. Estivera nele, a 22 de junho, o Segundo-Tenente Augusto Wenceslau da Silva Lisboa, que chegou a Almirante da Armada brasileira e a 27 do mesmo mês, o Guarda-Marinha Francisco da Silva Lobão. Fez-se de vela do Rio de Janeiro, a 14 de julho do mesmo ano, na Divisão do Chefe Rodrigo de Lamare, sob o comando do Capitão-Tenente Francisco Maurício de Souza Coutinho, futuro Marquês de Maceió. Ao entrar no Porto de Recife carecia de vários reparos. Esteve de 8 de setembro a 22 de outubro, em situação de desarmamento e comandado pelo Guarda-Marinha Rodrigo Theodoro de Freitas.



## Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha



Por ato de 14 de junho de 1823, recebeu o nome de *Cacique*, designação dada, no México, aos Chefes Ameríndios e que foi generalizada no continente.

Em 8 de julho de 1823, embarcou no *Cacique* o Segundo-Tenente Pedro Ferreira de Oliveira, e, a 2 de agosto, o Segundo-Tenente Caetano Filgueira. Em 12 de agosto, zarpou para Montevideú, sob o comando do Capitão-Tenente Antônio Joaquim de Couto e foi incorporado à Força Naval do Chefe Pedro Nunes. Participou do Combate de Montevideú, de 21 de outubro, contra a Divisão portuguesa, que repulsou galhardamente. Suspendeu a 8 de março de 1824, escoltando o trem que levava as tropas portuguesas que se haviam rendido na Cisplatina.

Em 17 de abril de 1824, já de volta, passou a ser comandado pelo Capitão-Tenente Francisco Bibiano de Castro. Em 25 do mesmo mês, velejou para Pernambuco e, na travessia, destacou com a Charrua *Ânimo Grande*, para Alagoas. De regresso ao Rio, desembarcou o Tenente Pedro Ferreira de Oliveira.

Levantou ferros em Divisão, com o Chefe David Jewet, a 21 de agosto de 1824, e aportou a Recife a 10 de setembro. No dia 13, velejou, ao encontro do Almirante Cochrane, para Alagoas. Em 10 de outubro zarpou de Recife, acompanhando o Almirante para o Norte. Em 9 de novembro, fundeou no Maranhão. Foi ao Pará, por ordem do Almirante, levar os Deputados e o Presidente Costa Barros. Em 11 de março de 1825, o Capitão-Tenente Francisco Bibiano de Castro deixou seu comando. Em maio de 1825, continuava na Repartição Naval do Maranhão. Em 22 de agosto nele embarcou o Primeiro-Tenente M. de Oliveira Figueiredo.

Em setembro de 1827, encontrava-se em Recife, sob o comando do Capitão-Tenente George Manson, quando recebeu ordem de fazer-se ao mar e perseguir um Corsário argentino, que cruzava na costa. No dia 9, encontrou-se com o inimigo, que era o Corsário *General Brandzen*. Empenhou-se no combate. Diz o Comandante Manson em sua parte oficial: “Ordenei que se desse uma banda inteira (de bala e metralha), porém, em vez de se apontarem as peças ao inimigo, os *marinheiros* estrangeiros pareciam ter feito pontaria ao ar, pois nenhum efeito produziu a descarga no inimigo, que imediatamente volteou por BB., e deu-nos uma banda. A isso se seguiu logo uma cena de confusão, de sorte que não podia eu



conseguir da equipagem que tornasse a carregar a artilharia e o inimigo conseguiu encostar-se para abordar por BB. Ainda assim o impedi de deitar sua gente a bordo, que era evidentemente o que eles queriam, pressentindo a confusão que reinava a bordo do *Cacique*; safando-nos um do outro, tomei-lhe a proa, e, achando-me a barlavento, resolvi manobrar por estibordo, a fim de poder servir-me das peças desse lado (visto que as outras ainda estavam descarregadas). Essas peças estavam apontadas como da primeira vez, por consequência a banda não fez efeito algum, e logo que se acabou de dar a banda, a equipagem abandonou os postos. Imediatamente reconheci que o descontentamento prevalecia entre os estrangeiros, vendo-os apontar ao ar a artilharia, e que os brasileiros estavam intimidados, pude, todavia, reunir alguns ao seu dever e repelir por espaço de 25 minutos os esforços do inimigo para abordar. Durante essa insistência, o Segundo Piloto e cinco homens foram mortos; o meu segundo em comando (Segundo-Tenente Carlos Frederico Xell), o Contramestre e oficial de quarto ao leme foram mortalmente feridos, e todos morreram dias depois. Nesta situação, não tendo um só oficial para me ajudar e estando incapaz de fazer resistência em virtude do abandono dos estrangeiros, e achando-se o resto da equipagem com terror e pânico, o inimigo tomou posse do navio e os estrangeiros quase unanimemente se passaram...”

O oficial argentino, nomeado comandante da presa, ao chegar a bordo do *Cacique*, rezam as crônicas, passou a fuzilar com suas próprias mãos sete marujos brasileiros. Ao tentar fazer o mesmo ao oitavo, este, heroicamente, atirou-se ao cruel oficial inimigo, cerrou-o fortemente nos musculosos braços e precipitou-se com ele nas vagas revoltas. Sentimos não saber o nome deste marujo obscuro, do anônimo João Ninguém, protótipo da bravura e desprendimento dos nossos homens do mar.

O *Cacique*, em consequência do combate e dos temporais que apanhou, abriu água. Em 16 de junho de 1822, vinha ele escoltado pelo Corsário *Brandzen* a demandar o Rio Salado. A divisão brasileira de Bloqueio atacou-os com firmeza, conseguindo incendiar o corsário. O *Cacique* fugiu e alcançou o Rio Negro de Patagones onde apodreceu.

Este brigue capturou, em combate, o Corsário platense *Escudera*.